

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIELLE RAMOS PEREIRA

**ENTRE SANCTOS E MASCUS: O ESTUDO SOBRE CIBERFEMINISMO E  
CIBERMISOGINIA NO BRASIL (2011-2017)**

CURITIBA

2017

DANIELLE RAMOS PEREIRA

**ENTRE SANCTOS E MASCUS: O ESTUDO SOBRE CIBERFEMINISMO E  
CIBERMISOGINIA NO BRASIL (2011-2017)**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em História no curso de graduação em História, Memória e Imagem, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Martha D. Hameister

CURITIBA

2017

## **Agradecimentos**

Após a finalização de mais um ciclo, gostaria de agradecer por algumas pessoas que foram fundamentais para essa caminhada. Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Rosa e ao Manoel, por todo os seus esforços e ensinamentos que possibilitaram crescer como indivíduo e me tornar um ser humano melhor.

Em seguida agradecer a todos meus amigos, que estiveram me dando apoio, confiança e suporte nos altos e baixos da vida. Talvez não lembre de todos, mas gostaria de agradecer carinhosamente à Amanda Nunes, Amanda Pereira, Luana e Mayrlla; ao Taynan por toda paciência, amor e companheirismo; ao Davi por ser mostrar um espírito de luta por uma sociedade melhor; à Samantha por toda positividade e disposição nos momentos de descontração; à Alice por sempre apresentar a razão, nos momentos de dúvida; à Letícia Pilger pela amizade, troca de experiências e luz que transmite; à Bruna, Celso e Jamile pelos anos de amizade e companheirismo na graduação; ao Guto gratidão pelas palavras acolhedoras e incentivadoras, além da luz que transmite dando apoio nos momentos mais difíceis; ao Lucas pelo carinho e amizade; ao Raphael Rabelo, ao Elber e ao Glauco por mesmo morando em outra cidade, estiveram me dando apoio necessário para seguir. Agradeço também aos demais amigos, que talvez tenha esquecido, mas que estiveram presentes nesse ciclo de vida que está se concluindo.

Por fim gostaria de agradecer à Prof. Dra. Martha Hameister, por ter me acolhido no início da graduação no CEDOPE e, posteriormente aceitando orientar esse projeto, demonstrando entusiasmo na temática abordada na presente monografia. Agradecendo também à Lola Aronovich, por ter sido solícita ao tema, cedendo material e disponibilizando informações acerca do caso. Encerrando os agradecimentos aos professores da banca, que disponibilizam seu tempo para leitura e críticas ao trabalho.

*“Lutei pelo justo, pelo bom, pelo o melhor do mundo”*

*Olga Benário Prestes*

## RESUMO

O presente trabalho pretende abordar as questões referentes aos ataques e ameaças virtuais ao *blog Escreva Lola Escreva*, no período de 2011 a início de 2017. Abordando as questões referentes ao *ciberfeminismo*, *ciberativismo*, o discurso do ódio na *internet*, a intolerância e principalmente a misoginia adotada ao grupo masculinista que são responsáveis por esses ataques e ameaças virtuais. Contemplando desde do processo de formação do feminismo, as reflexões acerca do que é o ódio e como ele está implicado na misoginia, destacando os respaldos jurídicos brasileiros referentes as leis de crimes virtuais e ao estabelecimento dos conceitos referentes à liberdade de expressão.

**Palavras chaves:** Feminismo, *ciberfeminismo*, discurso do ódio, misoginia.

## **ABSTRACT**

The present work discusses the virtual attack and virtual threats to the blog Escreva Lola Escreva, in the period from 2011 to the beginning of 2017. Discusses the issues of cyberfeminism, cyber-ativism, hate speech on the internet, intolerance and especially misogyny adopted to the masculinist group that are responsible for these attacks and virtual threats. Contemplating from the process of formation of feminism, the reflections about what is hate and how it is implicated in misogyny, highlighting the Brazilian legal support regarding the laws of virtual crimes and establishment of concepts regarding freedom of expression.

**KEYWORDS:** feminism, cyberfeminism, hate speech, misogyny.

## Lista de figuras

**Figura 1:** Comentários sobre o feminicídio no portal de notícias G1 Campinas

**Figura 2:** Comentários sobre o feminicídio no portal de notícias G1 Campinas

**Figura 3:** Cabeçalho do *blog Escreva Lola Escreva*

**Figura 4:** Apresentação de Lola Aronovich em seu *blog*

**Figura 5:** Dados referentes ao perfil do *blog*, visualização e período de atividade

**Figura 6:** Arquivo do *blog*

**Figura 7:** Comentários anônimos no *chan*

**Figura 8:** Comentário realizado em modo anônimo no *blog Escreva Lola Escreva*

**Figura 9:** Comentário realizado em modo anônimo no *blog Escreva Lola Escreva*

**Figura 10:** Ameaça destinada à Lola Aronovich em seu perfil do twitter

**Figura 11:** Pesquisa relacionada “Lola Aronovich e ameaças”

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>Capítulo 1: CONTEXTUALIZANDO O FEMINISMO, AS ONDAS FEMINISTAS E O MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO</b> .....	10
1.1 O que é o movimento feminista .....	10
1.2 A periodizações das Ondas Feministas .....	11
1.3 O movimento feminista brasileiro .....	12
<b>Capítulo 2: A <i>INTERNET</i> COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO E O CIBERFEMINISMO</b> .....	15
2.1 <i>Internet</i> como meio de comunicação.....	15
2.2 O <i>Ciberfeminismo</i> .....	16
<b>Capítulo 3: ORIGENS DO ÓDIO, A BARRERA ENTRE LIBERDADE DE EXPRESSÃO E DISCURSO DO ÓDIO, ÓDIO AS MULHERES</b> .....	18
3.1 Origens do ódio .....	18
3.2 Limites entre liberdade de expressão e do discurso do ódio na <i>internet</i> .....	21
3.3 Ódio às mulheres – misoginia .....	22
<b>Capítulo 4: ESTUDO DE CASO DO <i>BLOG ESCREVA LOLA ESCREVA</i>, AMEAÇAS VIRTUAIS E DISSOLUÇÕES NO “MUNDO REAL”</b> .....	26
4.1 O <i>blog Escreva Lola Escreva</i> .....	26
4.2 Ataques, ameaças virtuais à Lola Aronovich .....	31
4.3 As dissoluções jurídicas sobre as ameaças e ataques virtuais ao caso Lola Aronovich .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43



## Introdução

O presente trabalho busca abordar as questões referentes ao caso do *blog Escreva Lola Escreva*, que desde do período de 2011 a professora e ativista Dolores Aronovich passou a receber ameaças e ataques virtuais, oriundos das atividades desempenhadas no *blog* que tem como temática principal abordar elucidações referentes aos direitos das mulheres, aos debates sobre a construção movimento feminista e o questões relevantes ao movimento – tais como casos de assédio no trabalho, assédio sexual, estupro, violência de gênero, entre outros.

O caso do *blog Escreva Lola Escreva* esbarra em questões ligadas à misoginia nos espaços virtuais, ao discurso do ódio que estão contidos nas ameaças e de ataques virtuais organizados pelo grupo masculinista que se sentem ameaçados e incomodados pelos debates promovidos sobre as estruturas sociais no *blog*, sobre o movimento feminista e aos direitos das mulheres, em espaços que permitam o maior acesso a informação, como ocorre na *internet*.

O interesse apresentado por levantar esse estudo ocorreu da necessidade de abordar as novas problemáticas dos historiadores e ademais disciplinas das ciências humanas, sobre o advento dos meios digitais, nesse caso, sobre a utilização da *internet* como ferramenta para desenvolver novas pesquisas. Conferindo acerca do advento da *internet* e os usos deste meio de comunicação, presentes nas últimas décadas do século XX e nas duas décadas do século XXI.

Abordando que nesses espaços virtuais se encontram problemáticas sociais que seguem se desenvolvendo, lentamente apresentado respaldos nos ambientes físicos, nesse caso, citando as problemáticas referentes ao discurso do ódio, a intolerância, a misoginia que acercam esses meios virtuais e que são reflexos da sociedade contemporânea.

Portanto explorar esse ambiente virtual pode disponibilizar muitos dados referentes aos estudos tantos desenvolvidos por historiadores, quanto ademais áreas do conhecimento humano. Destacando que nesses espaços virtuais as fontes de análise são muito efêmeras, pois são alojadas no *ciberespaço*, que podem sofrer com o seu desaparecimento sem deixar rastros físicos diante da imaterialidade física da fonte.

## **Capítulo 1: Contextualizando o Feminismo, as Ondas Feministas e o movimento feminista brasileiro**

Neste capítulo abordaremos sobre a contextualização do movimento feminista e a sua periodização, discorrendo sobre o processo que constituiu a ideologia feminista e o que esse movimento almeja na esfera social. Destacando que o movimento feminista ocorre através de contextualizações e de necessidades identificadas pelo movimento, para serem resolvidas na sociedade, fugindo de um modelo linear na história, embora esteja sempre presente nos indivíduos que compõem o movimento. Além de discorrer sobre a formação do movimento feminista no Brasil.

### **1.1 O que é o movimento feminista**

O feminismo é um movimento de cunho social e político, que busca promover a equidade entre homens e mulheres, diante das estruturas políticas-sociais engendradas no sistema patriarcal. Nesse ponto destacamos o conceito de gênero, que segundo Butler, não passa de uma construção cultural (BUTLER, 2016, p.26), sendo assim, nossa análise ficará restrita ao plano geral da abordagem feminista sem discorrer sobre a noção de gênero, a construção no meio social e os papéis supostamente adotados pelos gêneros binários – feminino e masculino.

O feminismo promove a emancipação da mulher, na sua condição de subordinação e dependência ao homem. Possibilitando a autonomia sobre a decisão sobre o seu corpo – desde de querer ou não ter filhos, escolher o tamanho da sua roupa sem que isso implique em rótulos da sociedade patriarcal, na escolha de prosseguir ou abortar uma gestação, etc.; exercer e atuar no mercado de trabalho; em prosseguir os estudos – sendo eles, tanto de cunho pessoal, ou por aprimoramento em áreas voltadas a profissionalização; em realizar escolhas sobre os seus relacionamentos afetivos; na criação dos filhos, uma responsabilidade que vai além da mulher; o combate à rivalidade entre mulheres promovidas pelo sistema patriarcal, beneficiando exclusivamente aos homens; além de promover a própria libertação do homem, cujo o tratamento igualitário entre os sujeitos possibilita o encerramento de funções e atividades ditas de gênero masculino. Sendo assim, o feminismo seria o contrário do machismo.

Fugindo de uma única normativa o feminismo não se pode e, nem deve ser atribuído como um movimento sólido e homogêneo. Dentro do próprio movimento existem inúmeras ramificações e interesses, com demandas diversificadas compostos por grupos distintos. Nesse sentido, destacamos alguns movimentos como o movimento feminista negro, o movimento feminista marxista, o movimento feminista acadêmico, o movimento feminista *trans*, o movimento feminista radical, etc. Embora concordantes que o feminismo em linhas

gerais, sustente os moldes necessários para a promoção da libertação da mulher e da equidade entre os gêneros.

## 1.2 A periodização das Ondas Feministas

Ao contrário de muitos movimentos que surgiram ao longo da história representados por fatos, datas e contextos sociais, o movimento feminista não apresenta-se como um movimento que teve um marco oficial para a sua fundação, pois as mulheres sempre existiram na humanidade, exercendo suas atividades sociais sem serem incluídas nas narrativas históricas ao longo dos séculos, salvo algumas exceções.

Embora não possamos atribuir com clareza uma data específica para o surgimento do feminismo como movimento, destacamos o período Iluminista entre os séculos XVI e XVII como fundamentais para mudanças de aspectos da relação da humanidade. Onde o teocentrismo acaba perdendo força e adeptos e, o movimento humanista surge como uma nova vertente de interesse que atribuí o Homem - aqui englobando a humanidade como um todo, como o centro de todas coisas e de estudo (MARTINS, 1996, p. 95).

Segundo Perrot nesse período surgiu três pensadores com suas obras referentes a mulher, que possibilitaram criação da Mulher como sujeito social, destacados pela autora como os “*pré-feministas*”: Condorcet em *De l’admission des femmes au droit de cité*; Olympe de Gouges em *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*; por fim, Mary Wollstonecraft em *A Vindication of Rights of Woman* (PERROT, 2015, pp. 154-155). Outro ponto reiterado pela autora, é sobre a constituição do movimento feminista não é dada como um partido político, mas ser constituído como um movimento social (PERROT, 2015, p.155).

A partir do século XIX o movimento feminista se torna mais coeso e mais organizado, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, conhecidos como a Primeira Onda Feminista, ou a Primeira Vertente Feminista. Alguns aspectos da Primeira Onda ficaram marcados pela reivindicação de tratamento igualitário entre os gêneros; a inclusão na participação das mulheres na política, como direito ao voto; em dar continuidade nos estudos, indo além do ensino primário. Nesse período foi datado por destacar a participação da mulher como sujeito social (PERROT, 2015, p.156).

Em meados da década de 1960 e 1970 as mulheres começam a reivindicar maiores papéis na participação social. Os avanços nas áreas da tecnologia, na ciência, no mercado de trabalho, em centros universitários, culminaram como fatores para o desenvolvimento da Segunda Onda. Esse período se caracterizou pela expansão do movimento, abrangendo mais grupos feministas.

A libertação sexual da mulher nesse período foi conquistada através dos avanços da medicina, que criaram a pílula anticoncepcional, permitindo a emancipação da mulher acerca dos usos dos seus corpos e momento adequado para contracepção (PERROT, 2015, p.151)

Nesse período também se destaca por promover maiores discussões sobre as relações referentes ao trabalho e suas distribuições de bens. Além das reivindicações sobre o direito à instrução e educação, possibilitando com que as mulheres nesse período possam aperfeiçoar seus estudos adequando as necessidades do mercado de trabalho (PERROT, 2015, p.159).

Segunda Onda Feminista é vista como a expansão do movimento feminista, acolhendo grupos diversificados com suas necessidades específicas. Na libertação do corpo da mulher, no aperfeiçoamento dos estudos, na inserção de novos espaços no mercado de trabalho. Entretanto é errôneo supor que as pautas da Primeira Onda foram vencidas e superadas, o movimento feminista da Segunda Onda expandiu o seu debate, agregando mais interesses sociais da mulher como sujeito social, sem esquecer das primeiras demandas.

Em meados das décadas de 1980 e 1990 ocorreram novos debates sobre o movimento feminista, mais especificamente a mulher como sujeito. Existe uma série de divergências e discussões a respeito da formação da Terceira Onda, pois para muitas teóricas essa fase já estaria superada, enquanto para outras, ainda estaríamos vivenciando o desencadeamento deste período.

Nesse ponto a Terceira Onda Feminista inicia a discussão sobre a construção do sujeito Mulher na sociedade, relacionando a esfera social com a biológica, das formas de como é concebido a construção dos corpos, os padrões e os comportamentos esperados da Mulher - aqui a Mulher com M maiúsculo, representando tanto seu gênero, quanto ao seu sexo biológico, sobre a sua orientação sexual, a estrutura do sujeito feminino (PERROT, 2015, pp. 161-162).

Destacamos algumas teóricas feministas da Terceira Onda como: Beauvoir, Butler, Irigaray e Witting, responsáveis por desenvolver os debates que acercam as questões da Terceira Onda Feminista, na relação mulher e o seu corpo (PERROT, 2015, pp.161-162).

### **1.3 O movimento feminista brasileiro**

O movimento feminista brasileiro surgiu paralelamente ao movimento feminista global, atuantes no século XIX, acompanhando as primeiras demandas do movimento, como as melhores condições de trabalho, ao direito ao voto e inserção da mulher como sujeito social (COSTA, 2005, p.1).

Destacando o papel fundamental dos ideais socialistas e anarquistas trazidos pelos imigrantes italianos e espanhóis, atrelados na constituição de organizações feministas nos

primeiros anos do século XX que contribuíram para as lutas feministas brasileiras (COSTA, 2005, p.3).

Após a consolidação da ditadura civil-militar nos anos de 1964, o movimento feminista assim como outros movimentos sociais, sofreu com repressões e perseguições aos seus membros integrantes (COSTA, 2005, p.4).

Embora a temporada fosse de repressão e perseguições as mulheres feministas, foi nesse interim de ditadura, que constituiu-se a renovação do movimento feminista, adequando-se com as novas pautas da Segunda Onda feminista (COSTA, 2005, *idem*).

Costa destaca que no período vigente da ditadura civil-militar, o movimento feminista brasileiro sofreu com o tensionamento por ao menos três setores sociais: o primeiro setor, é na própria repressão e perseguição da ditadura civil-militar; o segundo setor é marcado pela banalização da esquerda em acrescentar as pautas feministas junto as pautas de outros movimentos sociais (COSTA, 2005, *idem*).

O Ano Internacional da Mulher, em 1975, realizado e promovido pela Organização das Nações Unidas, permitiu com que fosse organizado em pleno período de repressão militar, debates sobre a condição da mulher na sociedade e o seu papel social (COSTA, 2005, p.5). Nesse sentido a organização deste evento foi importante para a reunião das mulheres atuantes no movimento feminista, que estavam incondicionadas de se organizarem legalmente. Frisando a importância de dois jornais, o *Nós Mulheres* e *Brasil Mulher*, de caráter e composição feminista, que foram fundamentais para a resistência do movimento e para o processo de redemocratização (COSTA, 2005, *idem*).

Ao tratar a composição do movimento feminista brasileiro nas décadas de 1960 e 1970, constata-se que esse estágio ocorreu de maneira independente, pois o movimento não estava articulado com outras composições ideológicas e políticas, como destacado por Costa (COSTA, 2005, p.6)

Datado pelo processo de redemocratização em meados de 1980, ocorreu a introdução das políticas públicas para as mulheres, visando melhorias nas condições de vida, através dos partidos políticos, visando o crescimento do público eleitoral (COSTA, 2005, p.6).

Também na década de 1980 destaca-se para as maiores conquistas do movimento feminista brasileiro na esfera política, referentes à CNDM – Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – possibilitando com que as demandas feministas fossem acolhidas pelo setor político, como a liberdade, equidade entre gêneros e os direitos das mulheres (COSTA, 2005, p.7).

A década de 1990 relata os avanços do conservadorismo no Estado, seguindo com o crescimento do movimento feminista pela vertente popular, possibilitando a quebra de barreiras do movimento (COSTA, 2005, p.8). Em 1995 a Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher, em Beijing, marcou uma nova etapa do movimento feminista brasileiro articulando e

organizando o movimento feminista, ao nível nacional para o níveis do movimento feminista latino americano, renovando pautas e discussões, possibilitando a inclusão de novas estruturas do movimento feminista (COSTA, 2005, pp. 8-9).

O período da década de 2000, ficou marcado pela atuação do movimento feminista na cobrança do governo federal em realizar a manutenção por políticas públicas referentes as mulheres, marcadas na I Conferência Nacional de Políticas Públicas para Mulheres, em 2004, destacando a atuação e o comprometimento por parte do Estado, em operar e validar as políticas públicas em pró das mulheres; coube aos movimentos organizados independentes em realizar as cobranças para a concretização dessas políticas (COSTA, 2005, pp.11-13).

## **Capítulo 2: *Internet* como meio de comunicação, a chegada no Brasil e o movimento ciberfeminista.**

O segundo capítulo refere-se na construção da *internet* como meio de comunicação, destacando pela mudança do comportamento social ao se relacionar com os meios de comunicação. Em seguida o capítulo aborda o surgimento do *ciberfeminismo*, de como ocorreu e o intuito de uma nova vertente do movimento feminista do final do século XX.

### **2.1 *Internet* como meio de comunicação**

A criação da *internet* como meio de comunicação e o seu desenvolvimento se deve a partir do período da Guerra Fria, em meados da década de 1950 e início da década de 1960. Realizado através da parceria entre os militares dos Estados Unidos com a agência de pesquisa ARPA (*Advanced Research Projects Agency*), vinculadas ao Departamento de defesa dos Estados Unidos (CASTELLS, 2003, p. 82).

Os militares necessitavam de um sistema de comunicação que pudesse ser autônomo de diretórios centrais e de controladores, independentes, resistentes à possíveis ataques nucleares, onde a mensagem pudesse traçar sua própria rota na rede – possibilitando a entrega segura e integral do conteúdo da mensagem (CASTELLS, 2003, *idem*).

Para tal empreendimento, a ARPA desenvolveu uma rede capaz de interligar computadores, possibilitando o envio e troca de mensagens, chamada ARPANET (CASTELLS, 2003, p.13). Nesse ponto temos a criação da *internet* primitiva, já tinha sido desenvolvida e vinculados aos serviços dos Estados Unidos, mas com acesso restrito aos militares, aos pesquisadores do instituto ARPA e para um pequeno conjunto de universidades da Califórnia (CASTELLS, 2013, p. 83).

Por mais de duas décadas o governo dos Estados Unidos ficou com o controle da *internet*, a partir da década de 1990 com os avanços de outros institutos de pesquisa e por iniciativas privadas, ocorreu a privatização da *internet*, possibilitando a criação de provedores que distribuíssem e vendessem o acesso comercial (CASTELLS, 2003, p.15).

Segundo Castells, o que garantiu o acesso e a popularização da *internet* como meio de comunicação, foi o desenvolvimento do *World Wide Web* – conhecido como o WWW – que permitia a organização dos sítios – *sites* – no espaço virtual; desenvolvendo a interface gráfica dos *sites*; além do aprimoramento de envios de mensagens multimídias, tais como fotos e textos; por fim, a sofisticação das estruturas e dos suportes as redes de acesso (CASTELLS, 2003, pp.87-89).

O que diferencia a *internet* como meio de comunicação para os demais meios – como o rádio, a televisão e os jornais impressos – é a capacidade dos usuários em produzir

conteúdo, absorvê-los, e, ao mesmo tempo retransmiti-los aos demais usuários conectados (CASTELLS, 2013, p.28).

Apontados pelo sociólogo espanhol Manuel Castells, a *internet* permitiu a mudança do comportamento social em relação aos meios de comunicação. Efetivando-se como um meio ativo, onde os indivíduos estão mergulhados em uma rede que permite ao acesso a informação e a própria comunicação, reproduzindo respostas aos seus acessos e aos seus usos. Cabe destacar que um dos valores primordiais na *internet*, como um suporte e meio de comunicação, é a liberdade de expressão e de publicação do seu conteúdo livremente (CASTELLS, 2013, *idem*).

## **2.2 O Ciberfeminismo<sup>1</sup>**

Os avanços tecnológicos, principalmente nas áreas da comunicação e da informática, trouxeram mudanças que permitiram novos entendimentos sobre a organização de grupos e de indivíduos, a troca de experiências, e de ações no ambiente virtual, destacando a utilização da *internet*, como fonte e meio de atuação, para inúmeros movimentos sociais e grupos. Nesse sentido discorreremos sobre a formação e o processo do desenvolvimento do *ciberfeminismo*, conceito importante para a presente monografia.

O Ciberfeminismo, ou Movimento Feminista Cibernético, atua por meio das novas tecnologias de comunicação, mais especificamente os usos da *internet* – como meio de comunicação, debate, discussão, ações ativistas do movimento feminista (LEMOS, 2009, 41). O termo *ciberfeminismo* foi empregado pela primeira vez pelo grupo australiano VNS MATRIX, <https://vnsmatrix.net/>>, composto exclusivamente por mulheres, em 1991 (LEMOS, 2009, *idem*).

O grupo autodenominado “ciberfeministas” inspirou-se no manifesto publicado por Donna Haraway, intitulado O Manifesto Ciborgue, que propõem a releitura do movimento feminista, libertando-se dos padrões impostos do marxismo, do movimento feminista radical, e, destacando os usos híbridos entre os corpos humanos com as novas tecnologias (LEMOS, 2009, *ibidem*).

Segundo Lemos, o desencadeamento para o movimento *ciberfeminista* parte dos conceitos ressaltados por uma corrente pós-humanista, pós-moderna, que recorre aos usos das novas tecnologias como condição para uma nova formação social, atrelados a cultura *ciberpunk* e as discussões referentes a biologia, que estavam vigentes no processo de formação (LEMOS, 2009, pp. 43-44).

<sup>1</sup> O *ciberfeminismo* é o termo aplicado pelo movimento feminista que recorre à tecnologia como suporte e campo de discussão do movimento, utilizando principalmente a *internet* como espaço e meio de debate.



Outra característica ressaltada por Lemos é a utilização dos corpos humanos, atuando em conjunto aos recursos tecnológicos, além de flertar com a ficção científica em relação aos corpos, a ambiguidade de gêneros provocados nesses espaços virtuais (LEMOS, 2009, p.45).

Lemos destaca que o surgimento do *ciberfeminismo* não ocorreu por acaso, de modo que a utilização da *internet*, mais especificamente dos sujeitos que a priori utilizavam a *internet* serem presumidamente homens; entretanto por ser um espaço virtual, as noções de gênero podem ser flutuativas e quebradas (LEMOS, 2009, p. 55).

Os primórdios do *ciberfeminismo* partia da atuação entre os corpos humanos e os dos usos da tecnologia por parte das mulheres, atrelados com a arte digital, como foi caracterizado no período da década de 1990 e encerrando-se nesse mesmo período (LEMOS, 2009, p.82).

Após essa primeira fase do ciberfeminismo, destacamos que o movimento passou por transformações e rompimentos, atrelados ao uso da *internet* em promover engajamentos e ativismos virtuais. Evidenciando as campanhas como de “Chega de Fiu Fiu”<sup>2</sup>, “Meu primeiro assédio”<sup>3</sup>, organizado pelo *blog* feminista Think Olga<sup>4</sup>, na segunda década do século XXI, que traçaram um marco para uma renovação do movimento ciberfeminista, mais enfaticamente ao movimento ciberfeminista brasileiro.

<sup>2</sup> Disponível em <<http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/>>, acessado em 02/03/2017.

<sup>3</sup> Disponível em < <http://thinkolga.com/2015/10/26/gerativo-transformacional-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>>, acessado em 02/03/2017.

<sup>4</sup> Disponível em < <http://thinkolga.com/>>, acessado em 02/03/2017.

### Capítulo 3: Origens do ódio, a barreira entre liberdade de expressão e discurso do ódio na internet, ódio às mulheres

O presente capítulo pretende analisar os caminhos do ódio utilizando-se da identificação deste elemento através do corpo teórico, composto pela filosofia e pela psicanálise. Seguindo das explicações teóricas, esbarramos ao debate contemporâneo da nossa sociedade sobre qual é limite entre liberdade de expressão e discurso do ódio, mais especificamente na internet; neste ponto, o presente tópico é essencial para o desenvolvimento do quarto capítulo. Encerrando o terceiro capítulo, discorreremos sobre as mulheres serem um dos principais grupos da sociedade, onde o discurso de ódio está atrelado, tanto nas localidades físicas, quanto nos espaços virtuais.

#### 3.1. Origens do ódio

Segundo o dicionário *online* do Aurélio, a palavra ódio pode se remeter a aversão, rancor, raiva e antipatia (AURÉLIO, 2016). Entretanto para se entender as origens do ódio é necessário recorrer aos estudos mais aprofundados sobre o assunto, neste caso, buscamos as teorizações do campo da filosofia e da psicanálise. Trabalharemos com os conceitos de três autores acerca do ódio: Cornelius Castoriadis filósofo e psicanalista; Wilhelm Stekel, psicanalista; e Sigmund Freud, fundador da psicanálise.

Em Figuras do Pensável, Castoriadis reflete sobre a origem do ódio na sociedade, a partir da questão da agressividade presente após inúmeros conflitos violentos na África, Ásia e no Leste da Europa, ocorridos no século XX (CASTORIADIS, 2004, p.251). Segundo o autor, o ódio está vinculado em dois pontos de acordo com a raiz psíquica: aquilo que não igual ao sujeito e aquilo que é diferente do sujeito (CASTORIADIS, 2004, pp.254-255).

Após as considerações da raiz psíquica do ódio, Castoriadis direciona para a vertente social, em especial, para a instituição social. Onde o sujeito é forçado a aceitar a sociedade e a realidade em que ela está condicionada (CASTORIADIS, 2004, p.256). Nesse sentido os aspectos da sociabilidade, das instituições sociais, são de fato, necessárias para a formação do sujeito - no aspecto indivíduo e social; além de, o seu reconhecimento e pertencimento social em determinada sociedade (CASTORIADIS, 2004, pp.256-261).

Como resultado de sua análise acerca do ódio, o ódio de si e o ódio do outro, Castoriadis destaca uma origem em comum, que é a divergência diante do que ele considera como *estrangeiro* (CASTORIADIS, 2004, p.261). Onde a dificuldade de aceitação do outro gera a diversão destrutiva com fins competitivos sociais, desde da exploração da natureza, jogos esportivos, competição política e econômica, etc., que canalizam o ódio e a energia destrutiva (CASTORIADIS, 2004, pp. 261-262), entretanto esse ódio canalizado com sua energia destrutiva, só aparece através das guerras (CASTORIADIS, 2004, p.262). Em seguida

o autor discorre sobre o encontro entre sociedades, que está condicionada em três pressupostos: a primeira que uma sociedade é superior a outra; a segunda que ambas são iguais; a terceira se destaca que uma sociedade se encontra inferior a outra (CASTORIADIS, 2004, pp.264-265). Nesse ponto o reconhecimento do sujeito como estrangeiro, e a compreensão como tal, pode de fato estar atrelado para ações de recolhimento e recepção, ou apresentadas de maneira hostil, xenófobas, discriminatórias e odiosas (CASTORIADIS, 2004, pp.266-267). Por fim Castoriadis levanta a reflexão sobre o racismo, onde emprega a distinção entre sujeitos e o ódio através da sua fisionomia e sobre a sua origem, gerando o que o autor argumenta como o ódio de si (CASTORIADIS, 2004, pp.267-268).

O autor Wilhelm Stekel em sua obra *Sadismo y Masoquismo: psicología del odio y la crueldad*, trabalha com a relação conjunta entre o ódio e a crueldade. Iniciando o debate sobre o ódio, Stekel apresenta a relação entre o amor e o ódio vinculados na religião cristã (STEKEL, 1954, p.41). Em seguida após apresentar a dualidade destes sentimentos presentes na religião, Stekel destaca a similaridade entre eles, ou seja, a necessidade de estar presente o amor e o ódio (STEKEL, 1954, p.42).

Para Stekel o amor está contido no impulso vital presentes nas relações entre sujeitos, conhecida entre os homens; além de, o amor estar condicionado aquilo que quero que me pertença (STEKEL, 1954, *idem*). O ódio já apresenta a aversão, a hostilidade e desencadeia o sentido do perigoso (STEKEL, 1954, *ibidem*). Outro ponto destacado pelo autor, é a condição que o amor e o ódio concebem sentimentos atrativos e repelentes (STEKEL, 1954, *ibidem*).

Após relacionar o ódio com o amor, Stekel destaca o exemplo dos modos que são atribuídos na criação do sujeito na infância, relacionando o aprendizado com o prazer e conquista, logo despertando o amor; onde a aversão, o desprazer, as situações em que causam perigo, gera aquilo que o autor destaca como ódio. Além de, relacionar a noção de poder com o ódio, e o amor ser agente de submissão (STEKEL, 1954, pp.43-45).

Segundo Stekel o ódio é o impulso mortal e vital (STEKEL, 1954, p.48), assim como Freud, o autor destaca a necessidade do indivíduo em ter alguém com quem possa exercer o sentimento de ódio (STEKEL, 1954, p.50).

A civilização também implica nessa necessidade de direcionar o sentimento de ódio. Onde nos períodos primordiais da história os indivíduos estavam atrelados mais aos sentidos e impulsos, descarregando diretamente o ódio. Segundo o autor a civilização reprime o ódio em se manifestar (STEKEL, 1954, p.50).

Por fim Stekel discorre sobre a relação entre o ódio, a crueldade e o reconhecimento sobre tal, a voluptuosidade sexual, agrupados no prazer (STEKEL, 1954, p.51).

Ao discorrer sobre o ódio, Freud traça uma conexão entre civilização e instintos primordiais, na obra intitulada "Mal-estar na civilização". Ao longo do ensaio Freud aponta os

traços do sofrimento humano, que são originários em três pontos: o controle da natureza, o controle sobre o corpo humano, por fim, as frustrações perante as instituições sociais – família, o Estado e a sociedade (FREUD, 2010, p.43). Nesse ponto cabe aos homens a aceitação das duas primeiras fontes do sofrimento, onde são barreiras que não podem ser superadas totalmente. Entretanto a terceira fonte de sofrimento é identificada pelo autor, como sendo originárias pelas privações dos instintos, determinadas pela civilização (FREUD, 2010, p.44).

Freud afirma que o amor é um elemento fundamental à cultura, que são essenciais para a formação da civilização (FREUD, 2010, p.64). Seguindo as considerações sobre o amor, o autor recorre aos preceitos religiosos cristãos de amor ao próximo e identifica que os homens possuem a capacidade de amar aos seus semelhantes, aqueles que lhe proporcionam prazer, embora as tentativas de amar o desconhecido são vagas, beirando a hostilidade, ou desencadeando propriamente o ódio (FREUD, 2010, pp.73-74).

Ao destacarmos essas considerações, encontramos um discurso muito próximo entre Freud e Stekel, na relação dual entre o amor e o ódio. Outra semelhança na construção argumentativa dos autores é trazendo os preceitos da religião, acerca do amor universal. Além das considerações apontadas por Castoriadis, destacando que os sujeitos odeiam aquilo que é desconhecido perante os seus iguais. Ao resgatarmos os elementos semelhantes das narrativas de Castoriadis e de Stekel encontramos em Freud a dificuldade do indivíduo em aceitar aquilo que é desconhecido (FREUD, 2010, p.75), sendo mais fácil desencadear o sentimento oposto ao amor, que de fato é o ódio.

Freud também destaca que o ser humano não é a criatura dócil e passiva, referentes a imagem e face do deus cristão, mas que a agressividade é dos instintos primordiais que fora reprimido pelo o desenvolvimento da civilização (FREUD, 2010, pp.76-78). Além de, enfatizar a contradição da relação do amor universal pregado pela religião cristã e a sua grande intolerância ao longo da história (FREUD, 2010, p.81).

Temos em conjunto dois fatores principais acerca do ódio que se conectaram através dos destaques de Castoriadis, Freud e Stekel. No primeiro ponto Castoriadis e Freud concordam entre si, que os sujeitos odeiam aquilo que não é o seu semelhante, odeiam aquilo que é desconhecido ao indivíduo, ou ao grupo institucional em que ele está vinculado. No segundo ponto Freud e Stekel destacam duas questões: a primeira é a respeito ao amor e o ódio, onde o sujeito consegue desenvolver o amor aos seus semelhantes embora ao desconhecido seja incapaz, por não ter afinidades, logo é muito mais provável gerar o sentimento de hostilidade e até mesmo do ódio ao *estrangeiro*. A segunda consideração entre Freud e Stekel destaca-se pela polaridade em torno do amor e do ódio, contidos em sentimentos opostos, mas que se atraem e são fundamentais aos humanos.

### 3.2 Limites entre liberdade de expressão e discurso do ódio na internet

Em princípio devemos salientar as definições jurídicas sobre o que é considerado liberdade de expressão e, definições sobre o discurso do ódio no contexto brasileiro. Tendo em vista que a Constituição brasileira assegura aos seus cidadãos o direito de manifestar-se livremente, mas com condicionamentos que não interfiram em outros direitos assegurados na mesma. Em seguida, discorreremos sobre o discurso do ódio, e o que a Lei de 12.965/2014, conhecida como o Marco Civil da *Internet*, delimita sobre normativas sobre os usos da *internet*, o acesso, os direitos e os deveres dos usuários, além de, discorrer sobre a liberdade de expressão no campo virtual.

A promulgação da Constituição brasileira de 1988, nos termos e competência aos direitos e deveres individuais e coletivos, garante aos seus cidadãos a liberdade de expressão, em expor atividades intelectuais, artísticas, científicas e de comunicação, independentes, portanto, sem restrições ou censuras (CONSTITUIÇÃO, 1988, art.5º IV, V, IX).

Todavia na mesma Constituição existem condicionamentos para que esse direito não ofenda, não denigre a imagem, a honra, de determinado grupo ou indivíduo; garantindo ao direito de resposta, caso o indivíduo ou grupo se sinta ofendido por tais declarações (CONSTITUIÇÃO, 1988, art.5º V). Nesse sentido opera a tênue barreira entre liberdade de expressão e discursos discriminatórios, incentivos à violência, ou ao ódio, onde a liberdade de expressão apesar de ser um direito estabelecido na Constituição, opera de forma conjunta e flexível aos outros direitos que também foram estabelecidos na mesma.

Os autores Rothenburg e Stroppa realizam reflexões sobre o uso e o condicionamento da liberdade expressão, atrelados as constituintes jurídicas tanto brasileiras, quanto internacionais, a respeito do discurso do ódio na *internet*. Destacando inicialmente as definições sobre o que é liberdade de expressão estabelecidos na Constituição brasileira (ROTHENBURG; STROPPIA, 2015, pp.3-4).

Logo após elucidar as questões sobre o caráter da liberdade de expressão, Rothenburg e Stroppa resgatam os conceitos do que seria discurso de ódio apontados por Rosane Leal da Silva, que diagnostica que o discurso apresenta-se de forma segregacionista, cujo o agressor sente-se superior ao ofendido, além do discurso provocado pelo agressor ser reconhecido por mais pessoas (SILVA, 2011, p.447 *apud* ROTHENBURG; STROPPIA, 2015, p.4).

Em seguida os autores destacam os Princípios de *Camden* a respeito da liberdade de expressão e as especificidades sobre o discurso do ódio, atrelados à responsabilidade dos Estados em combater esse tipo de discurso (ROTHENBURG; STROPPIA, 2015, p.6).

Para os autores não existe uma hierarquia de direitos fundamentais e absolutos, onde um sobressaísse sobre outro, o direito de liberdade de expressão atua em conjunto com

outros direitos (ROTHENBURG; STROPPA, 2015, p.7). Também é função do Estado em estabelecer critérios, definidos e justificados como medidas combativas ao discurso do ódio, sem sobressair a repressões, ou divergências de opiniões (ROTHENBURG; STROPPA, 2015, p.8). A própria medida restritiva ao discurso do ódio que os autores apontam, poderia ferir ao direito de manifestar-se livremente, é preciso que o Estado seja bem capacitado para operar e distinguir o que é discurso do ódio, e o que é o direito de liberdade de expressão.

Os autores identificam os aspectos ao tratamento sobre as vítimas do discurso do ódio, destacando que é levado em consideração do grau da ofensa e, os reflexos na vítima ou das vítimas, sujeitadas por esse tipo de discurso; a dor psicológica e física causada pelos agressores dessa linguagem odiosa (ROTHENBURG; STROPPA, 2015, p.8). Ressaltando que os grupos que mais sofrem com tais discursos, são grupos que sofrem constantes repressões e opressões por parte dos grupos dominantes da sociedade (ROTHENBURG; STROPPA, 2015, p.9).

Ademais, salientando a responsabilidade do Estado brasileiro em pregar medidas punitivas a quem faz usos do meio de comunicação para promover discurso do ódio tanto para grupos, ou indivíduos oprimidos socialmente. Além de que, o Estado deveria ser mais tolerante as respostas encontradas pelos grupos ofendidos, que utilizam dos aparatos de comunicação para contrapor as ofensas e aos discursos do ódio por parte dos grupos dominantes (ROTHENBURG; STROPPA, 2015, pp. 8-10).

Em 2014 foi promulgada pela presidente da república a lei 12.965/2014, conhecida como o Marco Civil da *Internet*, nesta lei propõem normativas para os usos da *internet*, os direitos e os deveres dos usuários e dos fornecedores. No artigo 3, 7 e 19, asseguram a liberdade de expressão, comunicação e manifestação de pensamento do indivíduo neste espaço (Lei 12.965/2014); salientando também o direito à privacidade do indivíduo, onde poderá receber indenização, caso sofra por dano moral ou material, ocorridos na *internet*, decorrente da violação do seu direito, estabelecido por lei (Lei 12.965/2014, art. 19).

Sendo assim através do suporte jurídico brasileiro, destacamos que a liberdade de expressão é um direito assegurado na Constituição Federal, embora não se deva ser utilizada como justificativa para promover discursos de intolerância, violência e de ódio.

### **3.3 Ódio às mulheres – misoginia**

A violência de gênero não acontece apenas por ser mais um dos tipos de violência ocorridos na sociedade, ela está atrelada e enraizada, ao discurso do ódio as mulheres. Não está restrita em uma única sociedade, ou localidade, mas ocorre como uma violência global e

histórica; indistinta de classe social, etnias, idiomas, espaços físicos e virtuais, ou até mesmo de gênero.

O ódio em relação às mulheres possui um nome e é tratado como *misoginia*. Em uma pesquisa rápida ao dicionário do Aurélio *online*, deparamos com duas contextualizações referentes à misoginia: o primeiro descreve aversão às mulheres, e o segundo, a repulsa patológica em relações sexuais com mulheres (AURÉLIO, 2016).

Em abril de 2016, a ONU-Mulheres em parceria com o extinto Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, promoveu um relatório acerca do feminicídio e violência contra às mulheres, no Brasil. Neste relatório, introduz as noções de violência de gênero; as nomenclaturas sobre os crimes violentos ocorridos contra as mulheres; os dados recolhidos pelos órgãos responsáveis da pesquisa; o papel protetional sobre as vítimas; e os deveres do Estado, atrelados ao poder judiciário e ao Ministério Público (ONU-MULHERES, 2016).

Para que este relatório tenha sido produzido e divulgado – em parceria com a ONU – foi necessário o reconhecimento por parte do Estado brasileiro, sobre a violência contra às mulheres. Neste ponto o Estado passa adotar políticas públicas combativas em relação à violência de gênero contra as mulheres, podemos citar a Lei da Maria da Penha (LEI nº 11.340/2006), que modificou o tratamento sobre a violência doméstica – violência contra a mulher e aos seus dependentes; e, a Lei do Feminicídio (LEI nº 13.104/2015), que modifica o tratamento dos homicídios contra as mulheres, reconhecendo a violência de gênero e o ódio.

Salientamos os aspectos contemporâneos da violência de gênero ao ódio as mulheres, que não está contida apenas em espaços físicos, de diferentes instituições sociais – tais como núcleo familiar, escolar, do trabalho, etc. Ademais, é necessário apontar as violências de gêneros, que as mulheres estão condicionadas ao campo virtual, condicionadas nas redes sociais e na *internet* como um todo.

O Instituto Patrícia Galvão realizou um dossiê *online* chamado A Violência Contra as Mulheres, reunindo um vasto grupo de pesquisadores acerca da violência de gênero, disponibilizando-o e atualizando constantemente no *site* do instituto<sup>5</sup>. A respeito do dossiê publicado pelo instituto, existe um tópico abordando sobre a violência de gênero nos espaços virtuais, apresentando as formas que desenvolve esse tipo de violência nesses ambientes; em seguida destacando as semelhanças da violência de gênero aos crimes virtuais; por fim, as consequências na esfera jurídica, em crimes praticados na *internet*, onde as mulheres são as principais vítimas.

Cabe discorrer sobre os inúmeros tipos de violência contra as mulheres, nos espaços virtuais, desde das vinganças promovidas por ex-companheiros – em divulgar imagens e

<sup>5</sup> Disponível em <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/o-dossie/>>, acesso em 30/03/2017.

vídeos eróticos – sem a permissão da vítima; a exposição de dados pessoais; às ameaças físicas e sexuais – desde agressões, estupros, homicídios, castração, etc.; aos *cyberbullying* (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2011-<sup>6</sup>). Que trazem tanto danos temporários, quanto permanentes à essas vítimas, desencadeando a perda de vida social, a possíveis traumas psicológicos; ou até mesmo consequências mais graves, por parte de violências reais, como homicídios, agressões físicas, ou suicídios dessas vítimas.

Além das violências citadas no parágrafo anterior, a violência contra as mulheres também é registrada nos comentários realizados na *internet*, como nos portais de notícias, jornais *online*, redes sociais, *blogs*, etc. No qual esses crimes, mais especificamente feminicídios, são tratados como chacinas, ou motivações passionais por parte do agressor. Podemos citar o feminicídio ocorrido em Campinas, na véspera do ano novo de 2017, amplamente destacado pela mídia, embora tratado como “chacina”; além da divulgação da carta do sujeito responsável pelo crime, que justificava claramente sua intenção misógina em relação à sua ex-companheira e demais mulheres presentes no momento que ocorreu o feminicídio (OLIVEIRA, 2017).

Nesse ponto destacamos alguns dos comentários presentes no portal de notícia G1 Campinas, retirados por meio de *Print screens*<sup>7</sup>, a respeito do feminicídio ocorrido. Nos presentes comentários, majoritariamente está contido a culpabilização da vítima, no caso, a ex-companheira do homicida, ocorrendo uma troca de papéis entre a vítima e o sujeito criminoso. Não está contida nenhuma reflexão sobre a violência contra a mulher e aos seus familiares, embora a maioria dos comentários concordam entre si, que a vítima foi responsável pelo crime; ou sobre a reflexão ao crime misógino do ex-companheiro. O Feminicídio destacado no presente capítulo é um dos inúmeros casos relacionados entre violência de gênero e misoginia na sociedade brasileira.

<sup>6</sup> Referência através do dossiê *online* promovidos pelo Instituto Patrícia Galvão. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/o-dossie>>, acesso em 04/04/2017.

<sup>7</sup> *Print screens* são imagens capturadas da tela do computador, através das teclas PrTSc, utilizando o programa padrão da *Microsoft paint*, colando a imagem capturada.



Figura 1: Comentários sobre o feminicídio no portal de notícias G1 Campinas



**Edson Loterio**  
HÁ 3 MESES

as mulheres precisam escolherem melhores seus parceiros, vão fazendo filhos com qualquer um, sem conhece-los a fundo. a familia acaba pagando. (falta de amor proprio)

254 1023

**VER MAIS 28 COMENTÁRIOS**

**Urso777**  
HÁ 3 MESES

Na minha opinião essa loucura teve muitos estopins... Todos que estão na base da relação morreram, inclusive periféricos ocasionais, e ele se mata no final... Qualquer coisa que se pense ou diga jamais compreenderá o universo de variáveis envolvidas. Por isso o post de Lucinei Caires é o mais sensato a resumir o ocorrido.

5

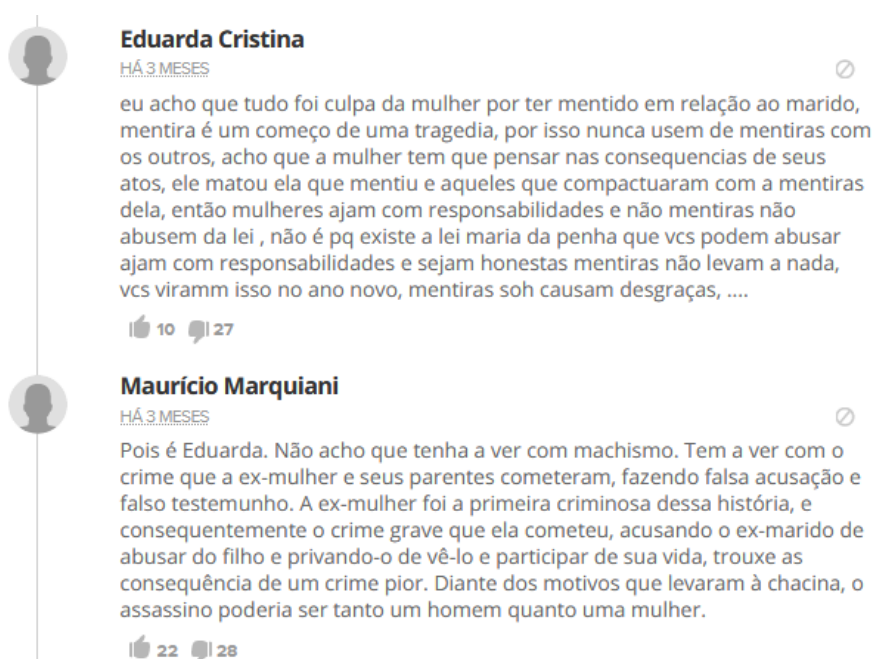
**Marildo Silva**  
HÁ 3 MESES

a culpa é das mulheres realmente.... o primeiro que aparece é esse...

5

Fonte: G1 Campinas, disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2017/01/veja-quem-sao-vitimas-da-chacina-em-festa-de-reveillon-em-campinas.html>>, acesso em 04/04/2017

Figura 2: Comentários sobre o feminicídio no portal de notícias G1 Campinas.



**Eduarda Cristina**  
HÁ 3 MESES

eu acho que tudo foi culpa da mulher por ter mentido em relação ao marido, mentira é um começo de uma tragedia, por isso nunca usem de mentiras com os outros, acho que a mulher tem que pensar nas consequencias de seus atos, ele matou ela que mentiu e aqueles que compactuaram com a mentiras dela, então mulheres ajam com responsabilidades e não mentiras não abusem da lei , não é pq existe a lei maria da penha que vcs podem abusar ajam com responsabilidades e sejam honestas mentiras não levam a nada, vcs viramm isso no ano novo, mentiras soh causam desgraças, ....

10 27

**Maurício Marquiani**  
HÁ 3 MESES

Pois é Eduarda. Não acho que tenha a ver com machismo. Tem a ver com o crime que a ex-mulher e seus parentes cometeram, fazendo falsa acusação e falso testemunho. A ex-mulher foi a primeira criminosa dessa história, e consequentemente o crime grave que ela cometeu, acusando o ex-marido de abusar do filho e privando-o de vê-lo e participar de sua vida, trouxe as consequência de um crime pior. Diante dos motivos que levaram à chacina, o assassino poderia ser tanto um homem quanto uma mulher.

22 28

Fonte: G1 Campinas, disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2017/01/veja-quem-sao-vitimas-da-chacina-em-festa-de-reveillon-em-campinas.html>>, acesso em 04/04/2017.

#### **Capítulo 4: Estudo de caso do *blog* *Escreva Lola Escreva*, ameaças virtuais e dissoluções no “mundo real”**

O presente capítulo apresenta o estudo de caso sobre o *blog* *Escreva Lola Escreva*, de autoria da professora do departamento de Letras da Universidade Federal do Ceará, Dolores Aronovich.

O conteúdo do *blog* explora assuntos diversificados, tais como críticas cinematográficas, direitos humanos, e, principalmente discute questões relacionadas aos direitos das mulheres e proteção as mulheres, ao feminismo e o movimento feminista.

Outro ponto a ser destacado pelo *blog* é referente ao espaço democrático nas publicações dos textos – que em muitos casos, são publicações de terceiros – que podem, ou não, estarem de acordo com o posicionamento e interesses de Lola Aronovich, mas, respeitando as divergências ideológicas, propondo um debate que contemple múltiplos posicionamentos e interesses acerca do feminismo, aos direitos das mulheres e ao movimento feminista como um todo.

Entretanto desde de 2011 Lola Aronovich começou a denunciar as ameaças e ataques de grupos autodenominados “sanctos masculinistas”, que se sentem “oprimidos” pelas atividades e debates acerca do movimento feminista abordados no *blog*.

Por fim discorreremos sobre as resoluções e implicações jurídicas, quando encaminhamos essas denúncias de ataques e ameaça virtuais para os órgãos jurídicos do Estado.

##### **4.1 O *blog* *Escreva Lola Escreva***

Para o estudo de caso dessa monografia recorreremos a uma tipologia de fonte alternativa com que os historiadores estão acostumados a trabalhar, penetrando nos espaços virtuais, no campo da *internet*. Utilizando um *blog* para discorrer sobre questões ainda presentes na sociedade atual: a misoginia, a intolerância e ao discurso do ódio. O *blog* em questão é o *Escreva Lola Escreva*, de autoria da professora do Departamento de Letras Estrangeiras pela Universidade Federal do Ceará, Dolores Aronovich<sup>8</sup>.

O *blog* *Escreva Lola Escreva* destaca-se por trabalhar em caráter não acadêmico, discorrendo sobre assuntos variados, tais como: crítica cinematográfica, literatura, política, direitos humanos, racismo, homofobia e principalmente embates sobre o movimento feminista, direito das mulheres, reflexões sobre o lugar da mulher na sociedade.

<sup>8</sup> Informação disponível no Currículo *Lattes*:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4127229E6>>, acesso em 05/06/2017

Com publicações autorais de Lola Aronovich, ou parceiros – destaque para a pluralidade apresentada no *blog*, onde muitos textos publicados não corresponde a linha teórica e posicionamentos defendidos por Lola Aronovich, embora sejam relevantes para promover o debate democrático do movimento feminista, apresentando contraposições que se destacam para uma maior disseminação do conhecimento.

Referentes a composição do *blog Escreva Lola Escreva*, está organizado na página principal, da mais recente publicação para as mais antigas. Disponibilizando na coluna direita da página os arquivos das publicações anteriores, referentes ao ano, mês da publicação. Ao clicar em determinada publicação o texto apresenta em forma integral, contendo a assinatura do autor, as palavras-chaves do texto para pesquisas semelhantes, além dos comentários publicados pelos leitores. O *blog* também oferece *links* que direcionam para *blogs* e *sites* parceiros.

Por ser tratar de um *blog* com mais de 9 anos de atividades ininterruptas, é considerado um dos primeiros *blogs* que tratam acerca do movimento feminista e do feminismo no Brasil, no espaço do *ciberativismo*. Nesse sentido, tomamos como referência os dados dispostos no perfil do *blog* – considerando os números de acesso e o período de atividade<sup>9</sup>.

Propomos que ao analisar um estudo de caso sobre um *blog* feminista na *internet* é necessário realizar algumas considerações, desde da tipologia da fonte – que não apresenta em um meio físico, não é palpável, embora apresente conteúdos relevantes para ser estudado; a disponibilidade da fonte – que para o acesso necessita a conexão com a *internet* e um dispositivo que permita essa conexão, exemplo: computador, telefone celular com acesso à *internet*, *tablet*, etc.; a temporalidade da fonte – por ser tratar de um *blog* que realizam publicações constantes, delimitamos nosso estudo entre os anos de 2011 a início de 2017; por fim, o embasamento teórico que discorre sobre questões de discurso do ódio, movimento feminista, misoginia, a liberdade de expressão e respaldos jurídicos.

A metodologia empregada remete aos estudos realizados na *internet*, desde do recolhimento do levantamento de dados no *site* de pesquisa *google*, na relevância e conteúdo das matérias de jornais e *blogs*, além das próprias publicações do *blog Escreva Lola Escreva*. Nesse ponto as limitações do estudo da fonte, ficam restritas aos conteúdos disponibilizados na *internet*, podendo subitamente não estarem mais disponíveis, para salvar o material disposto ao estudo são optados por realizar *print screens* – capturas da tela para consulta posteriores ao acesso; além das restrições de não haver material em outros meios físicos – livros, periódicos, jornais impressos, artigos acadêmicos, sobre o caso analisado. Colocamos

<sup>9</sup> Para maiores informações, acesse: < <https://www.blogger.com/profile/10052573392567096050>>, acesso em 06/06/2017.

em destaque que ao utilizar esse tipo de fonte está sujeita a efemeridade do material disposto, que pode ou não, estar disponível para o acesso posterior.

Figura 3: Cabeçalho do *blog Escreva Lola Escreva*

https://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/?m=0 Pesquisar



QUINTA-FEIRA, 18 DE MAIO DE 2017

**PRECISAMOS TOMAR AS RUAS PARA  
SALVAR A DEMOCRACIA: DIRETAS  
JÁ!**

SE VC GOSTA DO BLOG E PODE  
AJUDAR, COLABORE.


[Doar](#)

VISA   

Fonte: *Escreva Lola Escreva*, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2017/05/precisamos-tomar-as-ruas-para-salvar.html>, acesso em 06/06/2017.

Figura 4: Apresentação de Lola em seu *blog*.

QUEM SOU EU



Sou professora da UFC,  
doutora em Literatura em  
Língua Inglesa pela UFSC e, na  
definição de um troll, ingrata  
com o patriarcado. Neste  
bloguinho não acadêmico falo  
de feminismo, cinema,  
literatura, política, mídia,  
bichinhos de estimação,  
maridão, combate a  
preconceitos, chocolate, e o  
que mais me der na telha.  
Apareça sempre e sinta-se em  
casa. Meu email:  
lolaescreva@gmail.com. Meu  
Twitter também é bem  
movimentado.

Fonte: *Escreva Lola Escreva*, disponível em:  
<<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>>,  
acesso em 06/06/2017.

Figura 5: Dados referentes ao perfil do *blog*, visualização e período de atividade

lola aronovich



Ver tamanho ampliado

Entre em contato  
comigo

E-mail

Minha página da  
Web

No Blogger desde  
janeiro de 2008

Visualizações do  
perfil - 70656

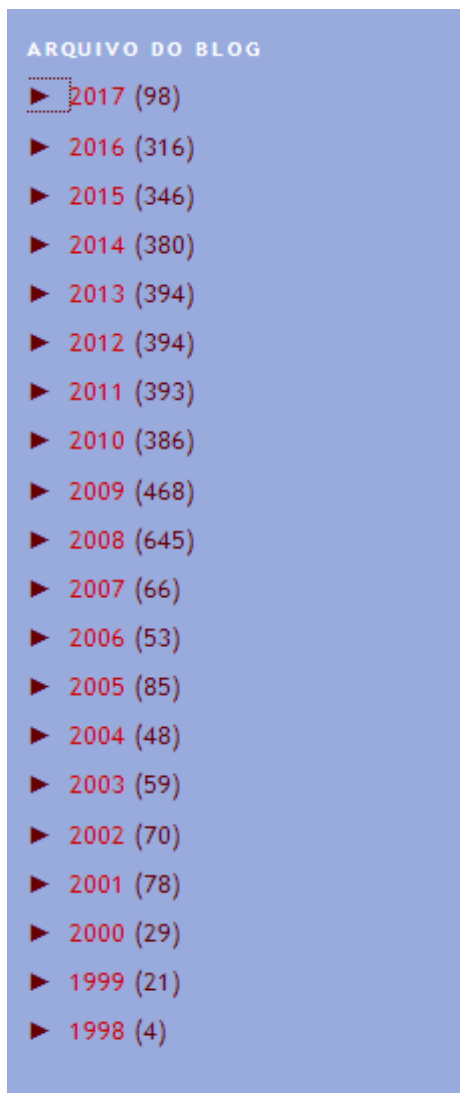
### Meus blogs

Escreva Lola Escreva

### Sobre mim

Gênero	FEMALE
Profissão	Mestra e doutora em literatura em língua inglesa pela UFSC. Desde 2010, professora-adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC
Local	Fortaleza, Ceará, Brasil
Introdução	Sou professora da UFC, doutora em Literatura em Língua Inglesa pela UFSC e, na definição genial de um troll, ingrata com o patriarcado. Neste bloguinho não acadêmico falo de feminismo, cinema, literatura, política, mídia, bichinhos de estimação, marido, combate a preconceitos, chocolate, e o que mais me der na telha. Apareça sempre e sinta-se em casa. Meu email: lolaescreva@gmail.com. Meu Twitter também é bem movimentado.
Interesses	cinema, marido, política, feminismo, direitos das minorias, preconceitos, animais, livros, xadrez, aceitação do corpo, liberdade de expressão, finanças pessoais, combate à violência contra a mulher, mídia, etc

Fonte: Escreva Lola Escreva, disponível em:  
<<https://www.blogger.com/profile/10052573392567096050>>, acesso em 06/06/2017.

Figura 6: Arquivo do *blog*

ARQUIVO DO BLOG

- ▶ 2017 (98)
- ▶ 2016 (316)
- ▶ 2015 (346)
- ▶ 2014 (380)
- ▶ 2013 (394)
- ▶ 2012 (394)
- ▶ 2011 (393)
- ▶ 2010 (386)
- ▶ 2009 (468)
- ▶ 2008 (645)
- ▶ 2007 (66)
- ▶ 2006 (53)
- ▶ 2005 (85)
- ▶ 2004 (48)
- ▶ 2003 (59)
- ▶ 2002 (70)
- ▶ 2001 (78)
- ▶ 2000 (29)
- ▶ 1999 (21)
- ▶ 1998 (4)

Fonte: *Escreva Lola Escreva*, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>, acesso em 06/06/2017.



## 4.2 Ataques, ameaças virtuais à Lola Aronovich

A *internet* se tornou um meio de comunicação acessível e prático, possibilitando uma maior abrangência de público e uma interação social mais dinâmica, como destaque por Castells. Nesse ponto referenciamos o uso do *blog Escreva Lola Escreva* como uma plataforma interativa para promover as questões e debates do movimento feminista no Brasil.

Entretanto ao realizarmos o resgate histórico sobre o movimento feminista – desde da sua formação, ao seu processo de consolidação; notamos que não ocorreu de forma pacífica, livres de embates e de tensionamentos nas suas fases de atuação, como destacados por Perrot em *Minha história das mulheres*. Pelo contrário, o movimento é marcado por incessantes lutas, que visão a garantia dos direitos das mulheres.

Desde de 2011 Lola Aronovich denuncia em seu *blog* e no seu perfil do *twitter* as constantes ameaças que recebe – na caixa de comentários do seu *blog*, em seu *e-mail* principal, em *tweets* no seu perfil do *twitter*, e mais recentemente, em seu telefone residencial, a divulgação do seu endereço residencial; e de ataques virtuais ao seu *blog* – como as denúncias organizadas no início de 2017, onde reportaram ao servidor do *blog* que haviam violações dos termos e usos dos serviços, gerando uma censura as várias imagens do *blog* e risco desativação permanente do mesmo<sup>10</sup>, organizadas pelo o grupo autodenominado “sanctos masculinistas”.

Para compreendermos os ataques virtuais e as ameaças direcionadas à Lola Aronovich – por desenvolver seu ativismo feminista em um *blog* na *internet*, devemos discorrer sobre o que é o movimento masculinista, quais são as suas vertentes e qual é a finalidade desses ataques e ameaças denunciados pela professora ativista. Nesse sentido, recorreremos aos estudos realizados pela cientista social Rowyn Connell.

Segundo Connell a masculinidade é algo engendrado na sociedade cultural, passando como algo naturalizado contrapondo aos debates de gênero (CONNELL, 2013, p.252). Em seguida a autora discorre sobre gênero e os aspectos da das práticas da estrutura social, destacando que essa estrutura de gênero está baseada em: poder, produção e o que ela define como área emocional (CONNELL, 2013, pp. 253-256).

Em seguida Connell destaca a construção da masculinidade e o conceito da visão dos masculinistas, do que seria o *homem* ideal, apontando para o homem branco e sobre o

<sup>10</sup> Informações a respeito do caso, conferir em “Grupo tenta derrubar blog da ativista feminista Lola Aronovich”, por Redação, disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/hackers-tentam-derrubar-blog-da-ativista-feminista-lola-aronovich/>, acesso em 18/05/2017, e “*Blog* feminista de Lola Aronovich é censurado após ataques machistas”, por Mayara Paixão, disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/16/blog-feminista-de-lola-aronovich-e-censurado-apos-ataques-machistas/> acesso em 18/05/2017.



domínio desse sujeito nas estruturas do poder institucional do Estado (CONNELL, 2013, p.255). A autora destaca que a hegemonia da masculinidade legitima o patriarcado, citando a violência como suporte para dominação (CONNELL, 2013, pp.257-261). Por fim a crise da masculinidade alegada por grupos masculinistas, não passa de uma tentativa de reestruturar a dominância do homem sobre a mulher (CONNEL, 2013, p.262)

Após realizarmos as considerações ideológicas dos masculinistas, destacamos a divergência desse tipo de movimento perante ao movimento feminista. Ressaltando que uma das razões que podem estar caracterizados aos ataques virtuais e ameaças direcionados ao *blog Escreva Lola Escreva* e à Lola Aronovich, são caracterizados pelo o ódio, mais especificamente, ao ódio ao que não é ao meu semelhante, aquilo que não pertence ao meu grupo, reiterando as considerações de Freud, Stekel e Castoriadis acerca do ódio.

Nesse aspecto o ódio vinculado aos ataques virtuais e ameaças destinadas à Lola Aronovich, estão condicionados a misoginia. A misoginia está interligada aos princípios masculinistas, como destacados por Connell, ao considerar que a masculinidade está ameaçada quando os homens perdem o seu poder de dominância e privilégios sociais - tanto às mulheres, quanto nas estruturas de poder social.

O feminismo trabalhado por Lola Aronovich em seu *blog* expõe na internet e propõem debater os problemas de uma sociedade e de uma cultura patriarcal, onde as mulheres sofrem por um condicionamento secundário nesse tipo de ordem social. Como resposta ao ciberativismo feminista, esse grupo misógino utiliza-se da *internet* para promover o seu discurso do ódio, o ódio às mulheres, nesse ponto personalizando o discurso de ódio à Lola Aronovich.

Consideramos que além de misóginos, esses ataques ao *blog* e à Lola Aronovich ofende ao direito constituído na Constituição Federal, acerca da liberdade de expressão, pois tais ataques tentam inibir a propagação do discurso feminista na *internet*, de tal maneira, que tantos os ataques virtuais – ofensas, montagens de fotos, vídeos de cunho misóginos, e as ameaças de estupro, morte, desmembramento, são originadas para coibir as atividades de Lola Aronovich em seu ativismo feminista.

O recurso utilizado por esses indivíduos para disseminar seu discurso do ódio, planejar e debater os próximos ataques, é por via de fóruns anônimos, conhecidos como *chans*<sup>11</sup>. Os *chans* utilizam-se do recurso de autodestruição das mensagens, após um prazo estipulado ao escrever as mensagens. Nesse sentido, os indivíduos que integram e participam das discussões do fórum, contam com esse recurso para escapar dos registros e possíveis provas contra eles.

<sup>11</sup> Informação disponível em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/por-tras-da-rede-antissocial-4chan/>, acesso em 06/06/2017.

O fórum anônimo mais utilizado por esse grupo, atua desde de 2014 segundo a denunciante, está inscrito no endereço da *web* <<https://dogolachan.org>>. Nesse fórum são promovidos uma série de comentários de caráter racistas, misóginos, homofóbicos, xenófobos, entre outros; organizando os próximos ataques virtuais e suas possíveis vítimas; divulgando documentos confidenciais – como processos judiciais, notas de concurso público; por fim, os grupos ainda realizam sátiras às leis e as punições aos crimes virtuais que eles comentem. Nesse ponto os limites da liberdade de expressão na *internet* esbarram em outros direitos estabelecidos tanto pela Constituição Federal, quanto a outros acordos internacionais acerca do discurso do ódio e intolerância.

Destacaremos alguns *prints* que registram tanto os ataques e as ameaças recebidas à Lola Aronovich, as postagens que a autora publicou em seu *blog* a respeito dessas ameaças recebidas. Cabe a ressalva, que os *prints* realizados nos *chans*, foram divulgados no *blog* *Escreva Lola Escreva*, como forma de denúncia sobre os constantes ataques que a ativista e professora recebe. Reiteramos que as consultas diretamente ao *chan* aos seguintes comentários não podem ser acessados, devido ao condicionamento de autodestruição das mensagens.

Figura 7: Comentários anônimos no *chan*

Arquivo 140139445147.jpg - (29.45KB, 320x240, lola.jpg)

Anônimo 29/05/14(Thu)17:14 No. 6547 [Responder]



Essa misandrica radical já está destilando seu ódio misandrigo contra os martires da nossa sancta causa misogina. É inadmissivel que essa gordona escrota continue dia após dia destilando misandria na rede(misandria pode, misoginia nao), essa desgraçada é a responsavel pela lavagem cerebral de putinhas mirins que crescem lendo seu blog misandrigo. Eu estava pensando isto: A morte é o fim inevitavel de todos, dar a sua vida por uma causa nobre é a coisa mais sublime que existe. É por isso q estou disposto a me tornar um martir sancto, nao aguento mais ser achincalhado pela sociedade, em 30 anos de existencia. Eu quero galgar o paraíso dos martires, quero estar junto com ted bundy, George sodini, welligton, henry lucas, jack estripador e com elliot rodger que me inspirou a fazer uma ação sancta, morram depositos de porras, morram seus lixos, eu irei deixar meu rastro de furia um dia.

**5 mensagens e 1 imagem omitidos. Clique em Responder para visualizar**

>>  Anônimo 29/05/14(Thu)18:28 No. 6554

O Feminismo é o maior colaborador do Elitismo social, graças ao feminismo o homem branco pega ninguem vive num deserto sexual em sofrimento ad eternvm.

O feminismo faz merdalheres darem pra negros, o feminismo demoniza o branco, o feminismo dá beneficios e mais beneficios pra merdalheres, e o feminismo colabora com o sofrimento do pega ninguém.

>>  Anônimo 29/05/14(Thu)18:49 No. 6555

sonho todo os dias com essa gordona escrota morta, até imprimir uma foto dessa maldita e coleí na minha porta e fico apontando minha 9mm pra foto dela. Essa desgraçada precisa ser parada por um HOMEM SANCTO, nao vamos mais se limitar a critica-la na net, se ela quer ser martir das misandricas, entao ela será.

>>  Anônimo 29/05/14(Thu)18:58 No. 6558

Eu tenho uma metralhadora, teria o maior prazer de gastar todo meu cartucho de balas na cara dessa baleia.

Fonte: *Escreva Lola Escreva*, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/10/algumas-das-centenas-de-ameacas-que.html>, acesso em 06/06/2017.

Figura 8: Comentário realizado em modo anônimo no *blog Escreva Lola Escreva*

Escreva Lola Escreva · Comments > Published



- VAGABUNDA FILHA DA PUTA TENHO SEU ENDEREÇO COMPLETO JA SEI SEUS HABITOS IREMOS TE VISITAR EM BREVE IREMOS TE ESTUPRAR E TE MATAR VOU TE CORTAR EM 10 PEDAÇOS SOMOS HOMENS HONRADOS,SOMOS SANCTOS IRA VER DO QUE SOMOS CAPAZES on [COMENTARISTAS ESTÚPIDOS E SEUS CLICHÊS DE TODAS AS HORAS](#)

Anonymous

at 9:56 PM

Fonte: *Escreva Lola Escreva*, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/10/algumas-das-centenas-de-ameacas-que.html>, acesso em 06/06/2017.

Figura 9: Comentário realizado em modo anônimo no *blog Escreva Lola Escreva*

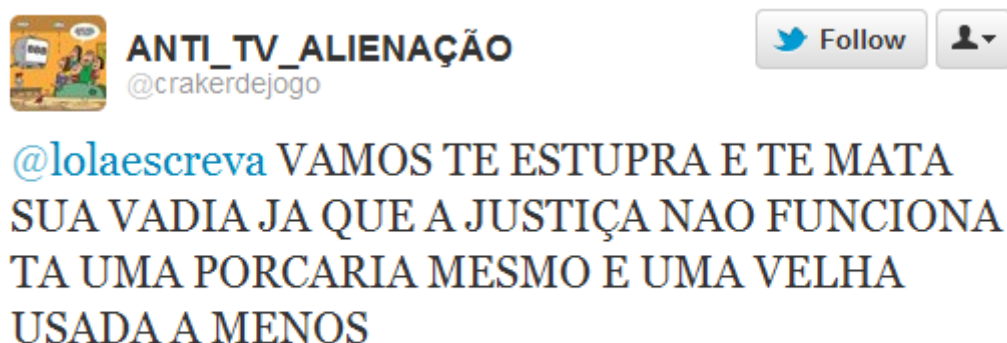
- VAMOS TE MATAR VC TA FUDIDA,NÃO TEM NOÇÃO DE QTS QUEREM TE MATAR AGORA É MAIS QUE VINGANÇA É UMA QUESTÃO DE HONRA,ATACAR A UNB E TE MATAR TEMOS MAIS DE 10 A FIM DE DAR UM BANHO DE SANGUE NA MERDA DA UNB,PODEM COLOCAR A PF O FBI A PQP NADA IRA NOS IMPEDIR NOSSOS SANCTOS NADA IRA NOS DETER JA TEMOS BOMBAS,ARMAS SERA ALGO MARCANTE MACACOS,ESQUERDISTAS E VADIAS NOS AGUARDEM on [COMENTARISTAS ESTÚPIDOS E SEUS CLICHÊS DE TODAS AS HORAS](#)

Anonymous

at 9:59 PM

Fonte: *Escreva Lola Escreva*, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/10/algumas-das-centenas-de-ameacas-que.html>, acesso em 06/06/2017.

Figura 10: Ameaça destinada à Lola Aronovich em seu perfil do *twitter*



7:32 PM - 1 Apr 12 via web · Embed this Tweet

Fonte: *Escreva Lola Escreva*, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/10/algumas-das-centenas-de-ameacas-que.html>, acesso em 06/06/2017.

Os presentes *prints* contendo o teor das ameaças virtuais e ataques destinado à Lola Aronovich, foram divulgados pela própria professora em seu *blog*, no intuito de denunciar os ataques diários e ameaças que recebe. Reiteramos que esses são alguns dos comentários moderados no *blog*, mas ao analisar o seu teor, deparamos com discurso do ódio presente naquilo que Castoriadis, Freud e Stekel destacam como o “ódio aquilo que não é o meu semelhante”.

Nesse ponto reiteramos que o ativismo feminista e as feministas que atuam nos espaços virtuais, não estão asseguradas pela Constituição Federal do Brasil ao manifestar-se o seu direito de opinião e ideologia, pois são coibidas por grupos misóginos, organizados em fóruns anônimos, que buscam denegrir, humilhar, ameaçar quem se manifesta diferente do que eles defendem como ideologia.

#### 4.3 As dissoluções jurídicas sobre as ameaças e ataques virtuais ao caso Lola Aronovich

Após o *advento* e consolidação da *internet* como meio de comunicação e interação social, não demorou para que este espaço virtual também fosse engendrado pelos problemas sociais, tais como: delitos e infrações ao código penal e civil, discursos de intolerância e do ódio, além de ser um espaço sexista pelo seu histórico de processo de consolidação – como vistos no capítulo 2, onde a *internet* surgiu por necessidades militares de envio de mensagens. Neste tópico abordaremos as resoluções jurídicas ao caso referente as ameaças virtuais e ataques à Lola Aronovich pelo grupo “sanctus masculinistas”.

Por muitos anos os delitos e infrações ocorridos na *internet* brasileira, não apresentavam os respaldos jurídicos necessários para os julgamentos mais especializados desses crimes virtuais. Apontados por Barbosa Junior esse processo começa a ser revertido através das primeiras leis fundamentais que norteiam os primeiros julgamentos jurídicos na *internet*. A primeira dessas leis, é a de 12.735/2012 – que tipifica a conduta de usuários contra sistemas informatizados e sujeitos. A segunda é a lei 12.737/2012 – que tipifica os crimes ocorridos na esfera virtual. Por fim, a terceira a lei 12.965/2014 – o Marco Civil da *Internet*, que estabelece os usos, o reconhecimento por parte do Estado e as definições do que é *internet*, aos seus usos, aos direitos e deveres, além dos respaldos à liberdade de expressão nesse espaço virtual (BARBOSA JUNIOR, 2015).

Os ataques e ameaças virtuais à Lola Aronovich iniciaram em 2011, entretanto os primeiros boletins de ocorrência registrados contra esses ataques e ameaças oriundas na *internet* só foram registrados apenas em 2012, conforme publicado pela professora em seu *blog*<sup>12</sup>. Nesse período foram identificados os sujeitos que eram responsáveis pelos crimes no ambiente virtual – entre eles em manter um *site* que incitavam o discurso do ódio e outros crimes na *internet*, deflagrados pela Operação Intolerância da Polícia Federal<sup>13</sup>. Segundo Lola Aronovich, esses mesmos indivíduos detidos pela operação também são responsáveis por comandar os ataques contra ela e, após cumprirem um pouco de mais de um ano, voltaram a reincidir os crimes virtuais, promovendo os ataques e ameaças virtuais contra Lola Aronovich e demais indivíduos escolhidos por esse grupo masculinista<sup>14</sup>.

Mesmo com as identificações dos sujeitos, e com os registros de boletins de ocorrência contra eles, apontamos a ineficácia do Estado em apurar essas denúncias de crimes virtuais reincidentes. Podemos destacar alguns pontos que contemple essa afirmação, segundo Oliveira e Dani, a lentidão em apurar e punir crimes virtuais ocorre ao menos por três fatores distintos: o primeiro visa a deficiência e o atraso do poder judiciário perante aos crimes ocorridos na *internet*; o segundo fator é o tratamento acolhido perante aos órgãos investigativos em lidar com os crimes virtuais, a capacitação adequadas dos agentes responsáveis em investigar os delitos na *internet*; por fim, a impunidade que muitas vezes assolam os casos investigados, referentes as vagas leis dispostas acerca desses crimes nos espaços virtuais (OLIVEIRA; DANI, 2011). Nesse ponto o caso referente os ataques misóginos e ameaças virtuais à Lola Aronovich ficam à mercê do interesse e da competência dos órgãos jurídicos em apurar e punir os crimes ocorridos no ambiente virtual. Como

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2017/02/lutando-por-nos.html>>, acesso em 01/06/2017.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.pf.gov.br/agencia/noticias/2012/marco/operacao-intolerancia-prende-responsaveis-pelo-blog-silvio-koerich201d>, acesso em 07/06/2017.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2015/11/site-falso-no-meu-nome-obviamente-nao-e.html>, acesso em 07/06/2017.



reiterado por Lola Aronovich em entrevistas aos jornais *online*, nas publicações em seu *blog*, as ameaças ainda são diárias<sup>15</sup>.

Figura 11: Pesquisa relacionada “Lola Aronovich e ameaças”

The image shows a screenshot of a Google search results page. The search bar at the top contains the query 'lola+aronovich+ameaças&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b-ab&gws\_rd=cr&ei=5Zk'. Below the search bar, there are navigation tabs for 'Todas', 'Imagens', 'Notícias', 'Vídeos', 'Shopping', 'Mais', 'Configurações', and 'Ferramentas'. The search results indicate approximately 4,720 results found in 0.38 seconds. The first five results are listed below:

- “As ameaças de morte são diárias”, relata professora Lola Aronovich ...**  
diariodonordeste.verdesmares.com.br/.../as-ameacas-de-morte-sao-diarias-relata-profe...  
8 de mar de 2017 - Convivo com essas ameaças há mais de seis anos, fiz mais de 6 BOS.... Aos 8 anos, Lola Aronovich, argentina naturalizada brasileira, ...
- Ameaças de morte e de estupro são rotina para autora de blog ...**  
revistamarieclaire.globo.com/.../ameacas-de-morte-e-de-estupro-sao-rotina-para-autor...  
7 de nov de 2015 - Autora de "Escreva, Lola, Escreva", Lola Aronovich recebe ameaças anônimas contra ela e sua família há 4 anos. Nesta semana, seus ...
- Professora da UFC é alvo de ameaças de morte por manter blog ...**  
tribunadoceara.uol.com.br/.../professora-da-ufc-e-alvo-de-ameacas-de-morte-por-ma...  
10 de nov de 2015 - Lola Aronovich, argentina naturalizada brasileira, é professora do Departamento de Letras Estrangeiras e assina um dos blogs feministas mais ...
- Lola Aronovich: "Calar não é uma opção" - Portal Fórum - Revista Forum**  
www.revistaforum.com.br/2015/01/10/lola-aronovich-calar-nao-e-uma-opcao/  
10 de jan de 2015 - Lola Aronovich, professora de Literatura e Língua Inglesa na Universidade ... Em sua atuação como feminista, Lola vem recebendo ameaças e ...
- Meu nome é Lola. E estou ameaçada de morte por ser feminista ...**  
blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/.../meu-nome-e-lola-e-estou-ameacada-de-mo...  
8 de nov de 2015 - Este texto é de Lola Aronovich, professora do Departamento de Letras ... mais violência contra ela, que já recebe ameaças com frequência.
- Escreva Lola Escreva: ALGUMAS DAS CENTENAS DE AMEAÇAS ...**  
escrevalolaescreva.blogspot.com/2014/10/algumas-das-centenas-de-ameacas-que.html

Fonte: Google, disponível em: [https://www.google.com.br/search?newwindow=1&site=&source=hp&q=lola+aronovich+e+amea%C3%A7as&oq=lola+aronovich+e+amea%C3%A7as&gs\\_l=hp.3..33i21k1j33i160k1.1093.4866.0.5270.25.15.0.0.0.523.1751.3-1j2j1.4.0...0...1.1.64.hp..21.4.1747.0..0j0i22i30k1.DcELMutyCgc](https://www.google.com.br/search?newwindow=1&site=&source=hp&q=lola+aronovich+e+amea%C3%A7as&oq=lola+aronovich+e+amea%C3%A7as&gs_l=hp.3..33i21k1j33i160k1.1093.4866.0.5270.25.15.0.0.0.523.1751.3-1j2j1.4.0...0...1.1.64.hp..21.4.1747.0..0j0i22i30k1.DcELMutyCgc), acesso em 06/06/2017.

<sup>15</sup> Disponível em: < <http://blogs.oglobo.globo.com/nas-redes/post/nao-tenho-medo-desses-misoginos-covardes-diz-bloqueira-feminista-ameacada-nas-redes.html>>, acesso em 07/06/2017.

As mudanças investigativas ao caso Lola Aronovich só ocorreram após os ataques à professora tomarem proporções institucionais. Como reiterado anteriormente Lola Aronovich é professora de Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Ceará e, recentemente a instituição de ensino, pesquisa e extensão também começou a receber ameaças por parte desse grupo “masculinista”. A primeira providência por parte da Reitoria da universidade, ocorreu em 2015, quando esse grupo criou *sites* em caráter difamatório contra Lola Aronovich, nesse respaldo a Instituição entrou em contato com a Polícia Federal do Ceará, pedindo investigação contra os ataques à professora<sup>16</sup>. Outro ponto que culminou nas mudanças investigativas ao caso foi a ameaça ao reitor da Universidade Federal do Ceará, ocorridas no final de 2016, que se não houvesse a exoneração de Lola Aronovich ao cargo de professora do Departamento de Letras Estrangeiras, eles abririam um atentado contra a instituição, novamente a Polícia Federal foi acionada para investigar as ameaças supostamente destinadas contra a Instituição caso eles não acatem a ameaça<sup>17</sup>.

Reiteramos que esse tipo de crime virtual ocorridos contra a professora e ativista Lola Aronovich, não são contemplados diretamente pelas investigações da Polícia Federal, por não se tratar de crimes signatário internacional – referentes à pedofilia e racismo, acordados no Decreto 4.388/2012 (BRASIL, 2002). Destacamos que a natureza desses crimes misóginos e que promovem o discurso do ódio não são contemplados por punições mais severas (OLIVEIRA; DANI, 2015). Nesse ponto destacamos os problemas dos órgãos jurídicos e do Estado em contemplar os direitos das mulheres em exercer a liberdade de expressão, conforme a Constituição Federal, que são coibidas através de constantes ataques e ameaças virtuais que dificilmente são identificados os sujeitos responsáveis – conforme os problemas apontados por Barbosa Junior, e, de leis que possam apresentar respaldos jurídicos necessários contra a violência à mulher em ambientes virtuais.

Abordamos também essa limitação do Estado e de órgãos jurídicos necessitam aperfeiçoar leis que possam combater o discurso do ódio e intolerância na *internet* – que atualmente apenas contemplam a pedofilia infantil e ao racismo, mas que possam contemplar outros grupos oprimidos nos ambientes virtuais, tanto a comunidade LGBTT, aos imigrantes e refugiados, e principalmente às mulheres.

<sup>16</sup> Conforme destacado no Portal de Notícias da Universidade Federal do Ceará: < <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2015/7462-reitor-pede-providencias-a-policia-federal-em-defesa-da-prof-lola-aronovich>>, acesso em 07/06/2017. E nota de apoio da instituição à Lola Aronovich: < <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2015/7450-conselho-do-centro-de-humanidades-lanca-nota-de-apoio-a-prof-lola-aronovich>>, acesso em 07/06/2017.

<sup>17</sup> As informações podem ser acessadas nos seguintes portais de notícia *online*, disponíveis em: < <http://www.revistaforum.com.br/2017/01/06/em-e-mail-enviado-a-forum-hater-mascu-pede-desculpas-a-pf-e-mantem-ameacas-a-blogueira/>> e < <http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/273838/%27Eles-odeiam-mulheres-e-passam-o-dia-escolhendo-alvos%27-diz-blogueira-feminista.htm>>, acesso em 07/06/2017.

Por fim, ao caso de Lola Aronovich segue em caráter investigativo onde ainda não apresentou dissoluções punitivas aos responsáveis desses crimes virtuais misóginos e de caráter de ódio, respaldados as novas competências investigativas como a Polícia Federal e a Agência Brasileira de Inteligência. Como limitados ao recorte temporal, não será possível na presente monografia contemplar os próximos passos do caso e as resoluções definitivas. Entretanto reiteramos algumas questões que possam ficar inertes a reflexão: por que esses crimes de violência de gênero, a misoginia, mesmo nos espaços virtuais não recebem a devida atenção como ocorre nos ambientes físicos, referentes à Lei Maria da Penha (11.340/2006)? Por que as mudanças da investigação aos responsáveis aos ataques à Lola Aronovich – e ademais indivíduos que buscaram debater sobre as estruturas sociais do poder patriarcal, só tomaram outras proporções quando as ameaças partiram para uma instituição federal, enquanto Lola Aronovich passou mais de seis anos denunciado esses casos não foram investigados até punir os responsáveis? Nestas questões, encerramos o estudo de caso referentes aos ataques e ameaças virtuais destinadas ao *blog Escreva Lola Escreva* e a Lola Aronovich.



### Considerações finais:

Ao discorrer sobre o feminismo e o movimento ciberfeminista atualmente, deparamos com novas questões e debates, atrelados as antigas demandas do movimento. No presente estudo de caso sobre o *blog Escreva Lola Escreva*, discorreremos sobre as implicações de exercer o ativismo feminista nos meios de comunicação, como é o caso do *blog* na *internet*.

Introduzimos nos primeiros capítulos os respaldos do intuito do estudo de caso, desde da formação do movimento feminista, o surgimento da *internet* como meio de comunicação e os usos dela para promover o feminismo, abordando as noções de liberdade de expressão na Constituição Federal, além de atrelar ao que a psicanálise e a filosofia discorrem sobre o conceito de ódio, o ódio as mulheres. Remontando o suporte necessário para contextualizar ao caso de ataques e ameaças virtuais contra Lola Aronovich.

Nesse sentido a *internet* não se difere de outros espaços sociais, pois a mulher enfrenta os mesmos problemas sociais do campo físico, desde de legitimação e ocupação dos espaços virtuais, a visibilidade ao realizar as suas atividades, além de enfrentar os constantes ataques misóginos, ameaças por abordar estruturas do poder hierárquico, de uma sociedade machista e patriarcal.

O *blog Escreva Lola Escreva* ao longo dos seus 9 anos de atividade, propõem em suas publicações discutir sobre direitos das mulheres, sobre os problemas frequentes que a Mulher sofre no meio social – tais como assédio verbal, sexual, estupro, violência de gênero, a invisibilidade nos meios de comunicação, denunciando casos desse tipo, e políticas públicas voltadas às mulheres; embora ao realizar essa atividade no *blog* incomodou determinado grupo social – homens que defende a ideologia masculinista, que não aceitam as alterações da ordem social, das conquistas dos direitos das mulheres e outros grupos oprimidos por eles, nesse ponto, a alternativa adotada por esse grupo é exercer ameaças virtuais em caráter combativo ao ativismo feminista do *blog Escreva Lola Escreva* e a Lola Aronovich.

Embora se tratando de ataques virtuais e ameaças realizadas na *internet* é importante ressaltar que esse caso deve ser denunciado aos órgãos responsáveis, como ao aparato judicial, as delegacias, no intuito de investigar e punir esse tipo de atividade que prega a intolerância, a misoginia e ao discurso do ódio. Entretanto os respaldos jurídicos ficam limitados pela insuficiência das leis que discutam e tratam desse tipo de crime virtual adequadamente; ao tratamento em que são dados a essas denúncias – em levar as investigações adiante, realizando punições aos delitos ocorridos na *internet* ao prazo paralelo que ocorreram essas denúncias; no déficit de tecnológico dos órgãos investigativos e de agentes capacitados para exercer adequadamente as investigações.

Destacamos também a escassez de pesquisas referentes na área da história sobre os espaços virtuais e problemáticas encontrados nesse campo, onde o papel do historiador em

analisar esses espaços é recatado comparado as demais disciplinas das Ciências Humanas, como a Sociologia, a Filosofia, a Psicanálise. Nesse sentido, incentivamos para que mais pesquisas possam ser realizadas nesse *ciberambiente* social que é a *internet*, e, que a *internet* não está à margem das problematizações sociais, ela é um meio de comunicação importante para sociedade contemporânea e pode apresentar muita análise relevante ao estudo da história do tempo presente.

## Referências:

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é FEMINISMO*. São Paulo: Ed. Abril cultural: Brasiliense, 1985, pp. 7-10.

AURÉLIO, Dicionário. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/odio>> acesso em 23/03/2017

BARBOSA JUNIOR, Sergio. Crimes informáticos: delitos virtuais no direito brasileiro. In: Portal de e-governo, inclusão digital e sociedade de conhecimento, 2015. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/crimes-inform%C3%A1ticos-delitos-virtuais-no-direito-brasileiro>>, acesso em 01/06/2017.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>, acesso em 24/03/2017.

BRASIL. Decreto 4.388 de 25 de setembro de 2012, promulga o Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/D4388.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4388.htm)>, acesso em 07/06/2017.

BRASIL. Lei Maria da Penha. Lei nº 11.340 7 de agosto de 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>, acesso em 30/03/2017.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.735, de 30 de novembro de 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112735.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112735.htm)>, acesso em 01/06/2017.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.737, de 30 de novembro de 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm)>, acesso em 26/05/2017.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.965 de 23 abril de 2014. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm)>, acesso em 01/06/2017.

\_\_\_\_\_. Lei do Feminicídio. Lei nº 13.104 de 9 de março de 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm)>, acesso em 30/03/2017.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. BORGES, Maria Luiza X. de A. [trad.] Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *A sociedade em rede*. MAJER, Roneide Venâncio [trad.] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 6ª ed., 2003.

CASTORIADIS, Cornelius. *Figuras do pensável – vol. VI*. AGUIAR, Eliana [trad.]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CONNELL, R.W. The social organization of masculinity (2005). In: *Feminist theory reader: local and global perspectives*. McCANN, Carole; KIM, Seung-Kyung (org.). New York: Taylor & Francis, 3 ed., 2013, pp.252-263.

COSTA, A.A.A. O Movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Gênero*, Niterói, v. 5, n.2, 2005, pp. 09-35. Disponível em <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/380/285>>, acesso em 26/05/2017.

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. SOUZA, Paulo César de [trad.] São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. Dossiê Contra a Violências as Mulheres. Disponível em:<<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/o-dossie/>>, acesso em 30/03/2017.

LEMOS, Marina Gazire. *Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas*. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARTINS, Ernesto Candeias. *Os humanismos e sua re-ligação ao homem*. In: Educação e Filosofia. Edufu, v.10, n. 20, p.93-113, jul. – dez, 1996.

OLIVEIRA, André de. Autor da chacina em Campinas expõe ódio a mulheres a quem chama de “vadias”. In: El País. São Paulo, 02 de janeiro de 2017. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/02/politica/1483367977\\_559818.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/02/politica/1483367977_559818.html)>, acesso em 30/03/2017.

OLIVEIRA, Luiz G. Caratti. ; DANI, M. G. S. . Os Crimes Virtuais e a Impunidade Real. *Âmbito Jurídico* , v. 91, p. 01, 2011. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=9963&revista\\_caderno=17](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9963&revista_caderno=17)>, acesso em 26/05/2017.

ONU MULHERES; Brasil, Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Diretrizes Nacionais Femicídio Investigar, processar e julgar: com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres*. Brasília: Imprensa Nacional, abril, 2016.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. CÔRREA, Angela M.S [trad.]. São Paulo: Contexto, 2015.

ROTHENBURG, Walter Claudius; STROPPIA, Tatiana. *Liberdade de Expressão e Discurso do ódio: o conflito discursivo nas redes sociais*. In: 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, edição 2015. Anais. V Congresso Iberoamericano de investigadores e docentes de direito e informática – Rede CIIDDI. Santa Maria: UFSM, 2015.

SILVA, Rosane Leal da et al. Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. *Rev.direito GV*, São Paulo, v. 7, n. 2, Dec.2011. p.445-468

STEKEL, Wilhem. *Sadimos y masoquismo: psicologia del odio y la crueldad*. GRIEBEN, Carlos F. [trad.]. Buenos Aires: Ediciones Imán, 1954.